

MARIO VARGAS LLOSA E A INFLUÊNCIA NEOLIBERAL SOBRE NOSSO TEMPO: Uma entrevista com Atilio Boron¹

Leonardo da Rocha Bezerra de Souza²

UFRGS: <https://orcid.org/0000-0002-8192-1009>

Francisco de Assis Kuhn Magalhães³

UFRN: <https://orcid.org/0000-0002-5435-5507>

DOI: [10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26432](https://doi.org/10.21680/1982-1662.2021v4n32ID26432)

Apresentação

No dia 13 de Julho de 2020 realizamos uma entrevista com o sociólogo e politólogo argentino Atilio Boron⁴. O trágico pano de fundo daquele período era o crescente número de mortos devido à pandemia da COVID-19. Um ano antes, Boron havia lançado o livro “El hechicero de la tribu”⁵, uma obra dedicada a radiografar a trajetória e o giro político e intelectual do escritor peruano Mario Varga Llosa – da proximidade com o marxismo, na década 1960, ao liberalismo contemporâneo de um personagem que ostenta não apenas o Nobel de Literatura, mas o título de Marquês sob a Coroa Espanhola. Para além da radiografia, é uma resposta dura ao livro “La

¹ Entrevista realizada em língua castelhana, remotamente. Degravação e tradução para o português realizada pelos entrevistadores.

² E-mail: lrb.souza@gmail.com

³ E-mail: franciskodeassis@yahoo.com.br

⁴ Atilio Alberto Boron é cientista político e sociólogo, com doutorado em Ciência Política pela Universidade de Harvard (EUA). Tem extensa carreira de pesquisador, já foi vice-reitor da Universidade de Buenos Aires (UBA) entre 1990 e 1994. Também ocupou o cargo de secretário executivo do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) entre 1997 e 2006, segue lecionando, pesquisando e participando de eventos internacionais. Atualmente ocupa o cargo de diretor do Centro de Complementação Curricular da Faculdade de Humanidades e Artes da Universidade Nacional de Avellaneda (UNDAV).

⁵ Lançado no Brasil pela editora Autonomia Literária como “O feiticeiro da tribo”, em 2021. Trabalhamos com a leitura do original. Referência: BORON, Atilio. *El hechicero de la tribu: Mario Vargas Llosa y el liberalismo en América Latina*. México: Akal, 2019.

llamada de la tribu”, de 2018⁶, onde Llosa, a partir de uma autobiografia intelectual, faz uma defesa de seus pensadores liberais preferidos. Dedicamos-nos à leitura e exploração da polêmica, discutindo o conteúdo e as referências de cada capítulo, processo que gerou uma resenha⁷. A partir de tal esforço, emergiram lacunas que nos exigiram um diálogo com o autor. Nesse sentido, a entrevista caminhou por temas como o da relação de Vargas Llosa com o neoliberalismo, seu ideário, suas influências e a propaganda na América Latina; chegando, também, ao debate sobre o papel das Ciências Sociais e das Humanidades na atual conjuntura. Temas que expressam as urgências nas discussões sobre os rumos das diversas lutas populares no subcontinente. Atilio Boron conseguiu não apenas analisá-las em suas respostas, como também levantou novas questões, promoveu reflexões e apontou perspectivas, dentro das quais podemos repensar o papel do pensamento crítico na América Latina.

1. Como avalia a chegada de seu livro, “El Hechicero de la Tribu” (2019), em português, e como visualiza a influência ideológica de Mario Vargas Llosa no Brasil?

Esta é uma resposta difícil de dar, pois eu não estou no Brasil. Acompanho a imprensa brasileira, vejo que os artigos dele são bastante publicados por aí. É muito divulgado. Não poderia dizer com muita precisão o quanto de impacto exerce. Mas vejo que é um personagem que foi muito bem recebido no Brasil, que suas ideias circularam muito, na direita neoliberal dura. Vargas Llosa avança nessa direção. Imagino que, por exemplo, Paulo Guedes seja alguém que, seguramente, esteja a par do que escreve Llosa. Deve sentir-se muito apoiado pela campanha dura de Llosa contra aqueles que estão lutando contra os estragos e os desastres que produziu o neoliberalismo em todo o mundo. Suponho que tenha uma influência grande, ainda que esta seja maior no mundo de fala espanhola, já que não se faz necessária a tradução. Debater com suas ideias é um imperativo no momento atual. Por isso, estou muito contente com a publicação de meu livro em seu país.

⁶ Chegou ao Brasil no ano seguinte. Referência: LLOSA, Mario Vargas. **O chamado da tribo: grandes pensadores para nosso tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

⁷ MAGALHÃES, Francisco de Assis Kuhn. SOUZA, Leonardo da Rocha Bezerra. A tribo e o feiticeiro: uma radiografia sobre o giro político e intelectual de Mario Vargas Llosa. **Rev. Bras. de Estudos Latino-americanos**. Florianópolis: v. 11, n. 1, Jan./Abr., p. 173-181, 2021.

2. É de conhecimento público que Vargas Llosa, de maneira mais ou menos ativa, tem mostrado um compromisso político desde sua juventude. Pertence a uma geração de escritores latino-americanos que foram contemporâneos à efervescência da Revolução Cubana (1959), às lutas anti-coloniais em África e a muitos outros eventos vinculados a movimentos emancipatórios. Como classifica, ou diferencia a inflexão política de Llosa frente a outros intelectuais que se afastaram da esquerda no mesmo período?

É um erro pensar que foi o único que se afastou da esquerda. Há muita gente que se foi que se desiludiu. São poucos os que passaram a exercer uma influência como a que tem exercido Llosa, durante, eu diria que uns 40 anos. E isso não é um dado menor. Como muitos no Brasil, e também na Argentina, que tiveram o mesmo percurso. Para não ir muito longe, José Serra era um intelectual da esquerda marxista dura, foi meu professor na França. Dava aula de Teoria Econômica, e o que passava era “O Capital”. Se você perguntasse a ele se não iria ensinar algo mais, ele qualificaria tudo que não fosse “O Capital” como uma merda burguesa que se negaria a lecionar. Fui aluno dele e digo isso de maneira responsável. Depois ele foi se afastando, é claro. Mas Serra nunca exerceu uma influência cultural, de caráter mundial, como é o caso de Vargas Llosa.

Na Argentina houve muitos escritores, intelectuais que começaram pela esquerda e terminaram no neoliberalismo ou, no melhor dos casos, em uma social-democracia *light*, meio descafeinada; no Chile alguns dos mais importantes neoliberais contemporâneos escreveram um livro duro sobre seu trânsito do Partido Comunista e do MIR (*Movimiento de Izquierda Revolucionaria*) ao neoliberalismo. O fizeram orgulhosamente. Jorge Luis Sigal, na Argentina, um homem que era militante do Partido Comunista, passa para o outro lado e agora é um anticomunista ferrenho. Na Europa e nos Estados Unidos isso também aconteceu. Nos EUA, entre as décadas de 1930 e 1940, muita gente passou da esquerda à direita. Daniel Bell, por exemplo, que foi um grande sociólogo, estava militando na esquerda na década de 1930 e, depois, escreveu o famoso “O fim da ideologia” (1960). Régis Debray, um de nós, passou pelo cárcere na Bolívia, foi torturado, maltratado durante anos e, bom, não virou um neoliberal, mas, claramente, abandonou as ideias fundamentais da esquerda. Nenhum dos citados obteve a projeção mundial de Vargas Llosa. Primeiro porque, em língua

espanhola, é um grande escritor; minha crítica não é ao Vargas Llosa escritor, me encantaria escrever como ele, mas... colocou suas ideias a serviço do pior! Vou lhes dizer uma coisa: não o fez por dinheiro, muitos fazem uma crítica personificada, o acusam de ter se vendido assim. Não foi isso.

Vargas Llosa começa a ter problema e critica a Revolução Cubana entre 1967 e 1968. A partir de um famoso caso de um escritor inexpressivo, trazido à luz pública com uma grande propaganda. Há que se levar em conta que a CIA e outros organismos ingerencistas norte-americanos estão permanentemente trabalhando em cima dos intelectuais. Hoje mesmo, na Argentina ou no Brasil, estão trabalhando ativamente para captar intelectuais, sobretudo os de esquerda. Não se incomodam com os da direita, por que já os têm. O prêmio maior, a cabeça que eles querem mostrar, é a de um intelectual de esquerda. O apóstata, aquele que era da esquerda e se foi para a direita. Vargas Llosa, até meados de 1971, fazia uma ardorosa defesa da Revolução Cubana. Faz uma defesa que eu escreveria hoje. O que aconteceu depois? Acredito que houve um período de uma certa decepção. Vargas Llosa é um homem tremendamente egocêntrico, de um egocentrismo fenomenal.

Não sou um crítico literário, mas digo isso como uma hipótese, é o único autor que conheço que escreveu três livros autobiográficos. “Tia Julia e o escrevinhador” (1977) é uma grande novela, muito linda, muito agradável, sobre a história de paixão com sua tia; “Peixe na água” (1993), onde também fala de sua situação pessoal, sua vida política, é um livro centrado nele. É um grande escritor, que frequentemente escreve sobre si mesmo. O mais recente e mais importante é o “Chamado da Tribo”, que origina minha resposta. Neste já há um voo teórico importante, afinal, trata-se de um homem muito culto, de muita leitura. Relata como foi sua conversão ao neoliberalismo.

Escrever meu livro realmente foi um processo lento, descarto a ideia de que Llosa foi comprado, igual ao que ocorreu com muitos outros intelectuais. Não foi o caso dele, o dinheiro não lhe importa. Houve um processo interno de decepção. Seu ego monumental demandava que fosse o grande intelectual da esquerda latino-americana. Só que, à sua frente, estavam figuras como García-Márquez e Julio Cortázar; pouco depois aparecia Eduardo Galeano; também tinha Mario Benedetti; Roberto Fernández Retamar; Alejo Carpentier; uma série de autores de esquerda. Não seria fácil ser o número um. Sua ambição é ser o único, estar por cima de tudo. Então,

vendo que, no âmbito da esquerda, não lhe davam o lugar que ele acreditava que merecia, foi se jogando, lentamente, aos braços da direita. Sobretudo depois de sua experiência como residente na Inglaterra, em Londres. Após dois pequenos jantares, um com Margareth Thatcher e outros colegas da universidade - eram sete ou oito, “se deu conta” de que tudo o que escrevia quando jovem - essa nova sociedade, sem classes, de progresso, de educação, de mobilidade social, era o que estava fazendo a senhora Thatcher, e abandonou tudo dele. Depois, num encontro com Ronald Reagan, que era uma espécie de Bolsonaro que falava inglês⁸, ficou fascinado. Mas em que esse personagem poderia provocar fascínio? Era o anticomunismo de Reagan, veja que infeliz inflexão. O homem que pôs a União Soviética de joelhos, grande mérito... e depois veja o que aconteceu.

Em outras palavras, é mais um caso, de muitos intelectuais que mudaram de lado. O que o torna singular é sua capacidade comunicativa e algo que é admirável: trata-se de um homem que passados quarenta anos - já é uma pessoa de idade, mais velha do que eu, deve estar pelos oitenta e quatro anos - segue insistindo, trabalhando, polemizando. Com uma constância exemplar que eu gostaria muito de ver entre os intelectuais de esquerda que, em um certo sentido, não possuem essa força permanente, essa vocação permanente que tem, por uma má causa, muito má causa, Vargas Llosa.

3. Você comenta no livro sobre a participação de Isaiah Berlin, Jean-François Revel e Raymond Aron em uma empreitada de guerra cultural a favor do capitalismo durante a Guerra Fria. É possível estabelecer um paralelismo, com diferenças e similitudes, entre o papel cumprido por esses teóricos e o de Llosa, no que diz respeito ao compromisso de propaganda?

O caso de Isaiah Berlin, Jean-François Revel e Raymond Aron foi a incorporação pela CIA, a partir do Congresso pela Liberdade da Cultura. Eles dizem que não sabiam. Acredito que Revel sabia, que detrás desse congresso estava a CIA e os serviços de inteligência dos Estados Unidos. Teria de ser muito ingênuo para acreditar que, em plena guerra fria, um evento dessa transcendência, extraordinária, estaria fora dos

⁸ Terry Eagleton (p. 2, 2011) definiu Ronald Reagan como um “estúpido ex-ator de terceira categoria com opiniões primitivas de direita. In: EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

marcos dos interesses e da manipulação dos EUA. Vargas Llosa não entrou nisso mas, quanto à eficácia propagandística, a dele foi muito superior à de Isaiah Berlin. Este é conhecido nos círculos acadêmicos, entre os estudantes de Ciência Política, politólogos, entre um ou outro jornalista especializado, mas nada além disso. Raymond Aron é um pouco mais conhecido, mas, majoritariamente, no mundo francófono. Muito menos no mundo anglo-saxão e muito pouco na América Latina, na Argentina, Brasil e Chile - a não ser por estudantes de sociologia ou de Relações Internacionais. Por outro lado, Vargas Llosa, retornando à primeira pergunta, é o que chamo de intelectual público. É isso que lhe confere uma ressonância extraordinária.

Há muita gente (influyente) na direita, mas com público escasso. O economista Roberto Campos foi muito influente no Brasil, era um neoliberal absoluto, mas era um homem sério, com uma tremenda capacidade de impacto por meio de sua escrita. Não era o mesmo impacto que tinha Isaiah Berlin, Revel ou Raymond Aron em nossos países da América Latina. É decisivo o impacto que Vargas Llosa vem tendo nestes últimos anos. Alguém comparado a Vargas Llosa é Octávio Paz, que acredito ser menos conhecido no Brasil. Paz era um grande mestre da língua castelhana. Na minha visão, superior ao peruano. Se vocês me perguntarem como qualificaria os dois enquanto escritores na língua castelhana (porque não é espanhola, Espanha é Galícia, é Catalunha, é País Basco... a língua é castelhana!) direi que Llosa é dos melhores, mas não o melhor. Octávio Paz era melhor escritor que ele. Jorge Luis Borges também era melhor do que ele. Mas nenhum deles iria ter essa enorme divulgação, constância e o arrojo de Vargas Llosa de meter-se em temas duros, a Guerra de Canudos é um exemplo disso. Agora faz o mesmo com a tragédia da Guatemala, em “Tempo Régio” (2019), seu último romance. Muito interessante, por sinal, pois nele demonstra que sabe, perfeitamente bem, como atua a CIA. Não é um ingênuo. Neste livro, mostra como a agência produziu o golpe de Estado contra Jacobo Arbenz. E não só isso, também como a CIA assassinou as testemunhas da operação, incluindo o chefe das pessoas que dirigiam o golpe no terreno.

Ou seja, Vargas Llosa sabe tudo o que nós sabemos, só que tomou partido pelo outro lado. Conhece perfeitamente bem o que a CIA faz, mas ele está a serviço de uma causa. E é um fanático. Podemos dizer que é uma espécie de talibã do neoliberalismo. E com uma enorme capacidade de difusão que nem Revel (mais restrito à França), Aron, ou Isaiah Berlin (reduzido ao âmbito acadêmico) tinham.

Llosa, ou Roberto Campos, se me permitem a comparação, são intelectuais públicos. Gente que escreve para o grosso da sociedade. É o que temos de promover no campo da esquerda.

4. Você aponta algumas contradições de Isaiah Berlin que, apesar de um discurso em defesa do pluralismo, havia participado da perseguição a Isaac Deutscher, quando este estava para trabalhar na Universidade de Sussex, no Reino Unido. Llosa, por sua vez, utiliza o conceito de liberdade negativa de Berlin para relativizar a ditadura de Augusto Pinochet, no Chile (1973-1990), um fato que, à primeira vista, colocaria o escritor peruano em contradição, tendo em vista sua defesa constante do modelo de democracia liberal. Não é raro vemos golpes de Estado, o estabelecimento de ditaduras e guerras imperialistas sendo justificadas por conhecidos liberais. Isso refletiria um caminho sem retorno na relação entre liberalismo e a própria democracia?

Muito boa pergunta, como todas as anteriores, são questões para discorrer durante horas, vamos tentar reduzir isso. Veja isso não é raro. Por que não é raro? Porque, na realidade, o liberalismo é uma abstração, quando enfrenta a realidade concreta demonstra suas limitações. São os limites do liberalismo. Os liberais dizem que estão pelo pluralismo de ideias, a favor de que todos falem, de que as palavras de todos sejam ouvidas, mas... quando aquele que vai falar, critica, e fala pela esquerda, como Isaac Deutscher, vemos os liberais “tolerantes” se mostrarem autoritários e até mesmo fascistas. Eu acredito que não é algo casual, pois isso não ocorreu apenas com Isaiah Berlin.

Gente como Friedrich von Hayek e Milton Friedman foram grandes defensores do regime de tortura e de terrorismo de Estado de Pinochet, no Chile. E por que isso? Bem, porque há uma crença equivocada, porém muito difundida, em nossas sociedades, de que o liberalismo é uma doutrina econômico-social que teria como uma de suas premissas a democracia. Isso é falso, venho afirmando isso há pelo menos 25, 30 anos. Em parte porque estive em Harvard e estudei com os professores que eram as grandes pontas de lança do pensamento liberal. Nenhum deles colocava, seriamente, a democracia como um regime social e econômico. Não passavam da visão da democracia enquanto um procedimento eleitoral, e nada mais.

O que tenho feito é lançar um desafio aos colegas neoliberais, nenhum dos quais, até agora respondeu, e digo que estou surpreendido com sua covardia. Pensei que teria uma resposta lançando, muito agressivamente, o desafio: “muito bem, vamos discutir, me digam um só autor, não mais do que um autor da tradição liberal que tenha sido um ardente defensor da democracia entendida no sentido substantivo; ou seja, de que é o governo do povo, pelo povo e para o povo”. Essa definição não é de Marx, Lenin, Trotsky ou de Rosa Luxemburgo, é de Abraham Lincoln! Lincoln era um personagem que tinha a grande admiração de Marx e Engels, que o consideravam excepcional. Não há um só autor, na tradição liberal, que subscreva a definição de Lincoln de democracia. Nenhum! Há estudiosos da democracia, como Alexis Tocqueville, que a considerava uma desgraça, como uma torrente que vinha arrasando todas as liberdades que haviam sido construídas na tradição política ocidental, cujo custodiador era a aristocracia. Tocqueville não é um partidário da democracia. É um de seus mais agudos observadores, o estudei a fundo. É um grande estudioso da democracia, mas, para ele, era como uma fatalidade, diante da qual há que buscar alguns resseguros. De modo a evitar que, ao estabelecer como princípio fundamental o primado da igualdade, a democracia acabe com as tradições que sustentavam a aristocracia e as velhas classes dominantes. Nisso existe uma contradição: Tocqueville estabelece que a democracia é igualdade e põe nas mãos da aristocracia nada menos do que a defesa dos valores associados a ela. Só que a aristocracia sempre irá defender a desigualdade. John Locke falava do governo por consenso, mas este era para os proprietários, não era, de maneira alguma, para os pobres, ou para o proletariado inglês, lá no século XVII. Quando nos Estados Unidos se fala em democracia, os pais fundadores não consideram os escravos negros que tinham no sul, tampouco falam dos brancos pobres. Não há uma contradição.

No fundo, liberalismo e democracia são duas coisas completamente diferentes. Se você é um liberal, convencido e congruente, não pode nunca ser democrático. Se você acreditar na democracia enquanto uma fórmula pela qual o povo se autogoverna, e o faz a partir da igualdade substantiva de homens, mulheres, brancos, negros, de diversidade de gêneros, tu não podes crer em liberalismo. O liberalismo é uma doutrina da diferença, da desigualdade. Com todas as letras, Von Hayek diz que a desigualdade é o grande motor que leva adiante a humanidade, porque permite que os que são desiguais olhem alguém que tem mais e busquem imitá-lo. Assim, os regimes

coletivistas, sejam social-democratas, comunistas etc, quebrariam o espírito criativo das pessoas. Essa doutrina é absolutamente incompatível com a democracia. Quando Hayek e Milton Friedman vão saudar Pinochet, o fazem de modo coerente. No Brasil temos o caso de Paulo Guedes, um admirador de Pinochet. Faz isso participando de um governo eleito.

5. Llosa, assim como outros publicistas, apresenta o pensamento de Adam Smith com um viés notório. Não acha que, ainda que seja em nome da verdade dos fatos, seja um pouco irônico que um socialista tenha de assumir a tarefa de resgatar os aspectos progressistas de um dos principais clássicos do liberalismo?

Marx tinha uma profunda admiração por Adam Smith, apesar da elaboração deste não possibilitar a visualização da exploração no sistema capitalista. O mesmo ocorre em relação a David Ricardo. O que faço é recuperar Adam Smith, normalmente apresentado pela direita como um partidário fanático do livre mercado, coisa que ele não é. Veja que o pensamento neoliberal, no Brasil e na América Latina, recorre à “mão invisível” para justificar seu projeto teórico e político, em cima da eficácia dos mercados. Adam Smith fala da “mão invisível” uma só vez, no livro “A Riqueza das Nações”, e uma só vez no em “Teoria dos Sentimentos Morais”. Quando sua obra é verificada, sobretudo em “A Riqueza das Nações”, aparece uma notória confiança nos mercados como reação à política econômica do absolutismo dinástico, na monarquia nos países europeus, sobretudo na Inglaterra. Defendia a recuperação da vitalidade do livre mercado, mas não se iludia. Em uma passagem ele escreve: “os amos, ou seja, os comerciantes, os industriais e os senhores de terra, raramente se reúnem, ainda que seja por entretenimento ou diversão, sem que a conversação termine em uma conspiração contra o público ou uma combinação para ocultar seus preços”. O que dizia ele? Que o mercado fixava os preços etc., mas que isso tinha a ver muito mais com esta conspiração contra o público, operada pelos comerciantes, pelos manufactureiros e pelos senhores de terra. E, ademais, diz em seu livro que, desgraçadamente, na Inglaterra há uma lei que impede que os trabalhadores possam se reunir e fazer articulações como fazem os patrões. O que, portanto, é desigual. Smith não estava de acordo com isso. A mim pareceu interessante desconstruir um pouco do que é a versão tradicional de Adam Smith. Este propunha formas muito

fortes de intervenção estatal, ou seja, seu pensamento foi desfigurado, captado pela direita, e apresentado como neoliberal.

Adam Smith era um liberal? Sim, mas não um neoliberal, não acreditava cegamente nos mercados. Atribuía uma responsabilidade muito importante ao Estado, que teria de proteger as indústrias nascentes, e dizia com todas as letras: teria de proteger, com suas leis, os investidores de sua estupidez. Disse isto textualmente, que tem de haver uma legislação, pois os investidores atuam em manada, estupidamente e, portanto, cabe ao Estado a capacidade para evitar os males daí derivados. Propunha leis muito duras em navegação, para favorecer a construção de uma grande frota naval comercial da Inglaterra. Então, apresentar Adam Smith, como simples teórico do “deixa fazer; deixa passar”, é uma falsificação que os neoliberais têm aproveitado para favorecer sua política. Parece-me que temos de entrar nessa disputa. Não porque Adam Smith seja socialista ou algo do estilo. Smith estabelecia os limites que tinha a política do liberalismo e os limites que tinha a política do mercado. Coisa que os neoliberais, posteriores, deixaram de lado por completo. Por isso, me esforço para que se faça justiça a Adam Smith. Não o dou de presente aos neoliberais. Smith não foi um deles, foi um pensador que tinha uma tradição humanista, e que se deu conta, quanto a isso há várias citações textuais em meu livro, de que os mercados estavam controlados pelos grupos dominantes e que, portanto, funcionavam contra os trabalhadores e contra os consumidores.

6. Apesar da derrota de Mauricio Macri (2019), na Argentina, e da vitória de López Obrador (2018), no México, a direita segue agressiva na América Latina. Um fator de destaque é a ampla atuação de grupos neopentecostais e católicos enquanto linhas auxiliares na implementação da agenda neoliberal. Estes desempenharam um papel central no golpe de Estado na Bolívia (2019), contra Evo Morales; e no Brasil (2018), com a eleição de Jair Bolsonaro. Gostaríamos que comentasse sobre este cenário, suas razões, influências e perspectivas na reorganização política do continente, em função da importância destes grupos religiosos na disputa pela hegemonia.

Temos de retomar um pouco da história para entender estes grupos neopentecostais. Não vou falar de religião. Falo de política, falo dos evangélicos

enquanto atores políticos. Não me meto nas crenças religiosas, eu as respeito, mas o papel político é outra coisa. Tudo isso começa, ainda que pareça mentira, no ano 1968, quando se reúne, na Colômbia, em Medellín, o Episcopado Latino-americano. A II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em consonância com João XXIII, coloca a Igreja Católica na opção pelos pobres. Isso facilita o surgimento da Teologia da Libertação, no Brasil, com Leonardo Boff, e no Peru, com Gustavo Gutiérrez Merino. Pouco tempo antes, Richard Nixon tinha feito um giro pela América Latina. Ele pretendia ser o candidato republicano em 1968, e fez um giro para conferir a situação latino-americana. Nixon tinha grande preocupação em relação à América Latina, queria estar seguro de que esta iria estar submetida aos EUA. A questão de Cuba o preocupava muito. Visita a Cidade do México; Caracas; Lima; Rio de Janeiro; Buenos Aires e algumas outras. Não estava indo muito bem, cada vez que chegava a uma cidade era recebido por grandes manifestações de jovens, de estudantes, de trabalhadores que lhe lançavam pedras, tomates, frutas, ovos... uma coisa tremenda! Nesta época eu vivia no Chile e a intensidade desse repúdio foi algo que realmente me chamou a atenção.

Nixon, era visto por todos nós como a encarnação do imperialismo. Quando é eleito presidente, ao final de novembro, e assume em 20 de janeiro de 1969, atribui a seu amigo, mentor e mecenas, Nelson Rockefeller, o cumprimento de uma missão. Rockefeller conhecia muito a América Latina, sua família havia desenvolvido a indústria petroleira na Venezuela. Nixon lhe disse: “olha, não é possível que os Estados Unidos tenha uma imagem tão ruim em toda a América Latina, percorra esse continente e leve sua equipe de sociólogos, historiadores, teólogos, politólogos, antropólogos para ver um pouco o que diabos está acontecendo”. Isso demandaria uma longa palestra, mas vou resumir. Rockefeller atende ao pedido e elabora um informe que, por sinal, não foi desclassificado, cujo conteúdo se conhece apenas parcialmente. Qual a tese central do informe de Rockefeller, dado a Nixon ao final de 1969 - início de 1970? “A igreja católica na América Latina desertou do capitalismo, passou às fileiras do comunismo, passou para as fileiras da União Soviética, necessitamos, portanto, transplantar desde os EUA, comunidades cristãs amigáveis ao capitalismo, e que compartilhem dos seus valores essenciais, porque a Igreja Católica se afastou, e isso não tem retorno”.

A partir daí, como políticas de Estado começam a recrutar pequenas comunidades evangélicas, muito fanatizadas e, embora pobres, muito capitalistas em seu espírito, crentes na predestinação dos Estados Unidos como a nação encarregada de levar a liberdade e a democracia para o resto do mundo. Mandaram essas pessoas a diversos países da América Latina. Mandaram ao México, mas não prosperou muito, houve problemas muito sérios e uma reação muito rápida dos intelectuais e dos políticos mexicanos de esquerda, o que tornou impossível sua afirmação. Mandaram a vários países da América Central, e lá se estabeleceram muito bem, Guatemala, El Salvador, Nicarágua... Mandaram ao Brasil, mandaram ao Chile e, ao final de trinta anos, estes grupos estavam muito bem enraizados, sem nunca perder sua conexão com suas casas centrais. Cada uma dessas pequenas igrejas que vemos nas favelas do Brasil, igrejazinhas muito humildes, muito pequenas, possuem seu próprio Vaticano, nos Estados Unidos, igrejas poderosíssimas, riquíssimas. No Brasil, o Bispo Edir Macedo criou um império fenomenal. A maioria dos que realmente controlam as pequenas igrejas na América Latina têm muitos recursos. E fazem um trabalho militante que os grupos de esquerda e os governos progressistas latino-americanos não fizeram.

Deixou-se de lado o trabalho de base nas favelas das cidades brasileiras, nas *villas de emergência* em Buenos Aires, nas *rancherías* na Venezuela antes de Chávez etc. No contexto de dissolução da ordem estatal, como é o caso do Brasil, onde o Estado se afasta dos mais pobres, sobretudo dos favelados, essa gente lhes oferece um amparo, uma integração social a nível micro. Ao ingressar em uma dessas igrejas, espalhadas por todo o país, você já não é mais um ser isolado, condenado pelo capitalismo e pelo Estado, passa a ser membro de uma comunidade. Se você é padeiro, passa a vender pão aos seus confrades, se tem problemas com o carro, vai ao mecânico que pertence à mesma igreja. Assim é formada uma micro-sociedade, uma comunidade muito forte, imbuída de um espírito muito fanático, refratário ao que no Brasil no chamam de ideologia de gênero e tudo mais. Ressignificam socialismo, comunismo, marxismo, educação, conscientização, Paulo Freire etc. Um produto inteligentíssimo da Casa Branca, que mandou estas comunidades que se assentaram na América Latina, prosperaram e, como vocês bem disseram, são um ator muito significativo na política de nossos países. Dificilmente Bolsonaro poderia ganhar as eleições sem o apoio sólido, em bloco, de uma parte muito importante da comunidade evangélica, que no Brasil já é uma porção muito significativa da população.

7. As Ciências Sociais no Brasil e na América Latina vivem outra experiência de ataques, provenientes de grupos conservadores e movimentos reacionários. O atual governo brasileiro, por exemplo, tem eliminado uma parte considerável dos recursos políticos e financeiros das instituições federais de pesquisa e ensino. Esta medida tem afetado, principalmente, o campo das Humanidades. Neste momento, ressurgem um velho debate sobre o papel do intelectual, especialmente na relação entre as Ciências Sociais e a sociedade em geral. Este, de fato, foi um dos pontos abordados em algumas partes de seu livro. Diante desse cenário, como enxerga o papel dos intelectuais e das Ciências Sociais na América Latina?

Vejo com uma certa preocupação, pois, desgrazadamente, em toda a América Latina, as Ciências Sociais têm sido muito influenciadas pelo pensamento majoritário nos Estados Unidos. A maioria dos que estão envolvidos com o ensino e a pesquisa nas Ciências Sociais o fazem sob os paradigmas, os modelos e o estilo de trabalho praticado nos EUA. Neste não há espaço para um pensamento crítico, há um pensamento muito convencional, que não reflete a complexidade, os desafios e a realidade histórica latino-americana. São, portanto, Ciências Sociais de escasso valor, não servem para um projeto emancipatório. Acredito que a América Latina, com seus cientistas sociais e demais intelectuais, precisa posicionar-se de maneira crítica frente à recepção de todas essas teorias e métodos de pesquisa que vêm dos Estados Unidos. Fundamentalmente incapazes de serem adaptados às nossas circunstâncias, de serem incluídos em nossa agenda de pesquisa.

Em geral, falo aqui da Ciência Política e da Sociologia, as abordagens temáticas são as mesmas dos EUA, um país com realidade distinta da nossa. Isso tem ligação com o processo de estruturação imposto às nossas universidades nos últimos 40, 50 anos. Submetidas a um ataque permanente por parte da direita, através de instituições como o Banco Mundial. A UNESCO, por exemplo, que anos atrás já tinha entrado em crise nos anos 1980, com a saída de EUA e Reino Unido, voltou a ser debilitada, com novo afastamento estadunidense, para que não aceitem a Palestina como Estado. A ortodoxia, em termos do que vem a ser um projeto universitário, vem do Banco Mundial. Este dispunha, até antes dos anos 1980, de um departamento dedicado à questão das universidades. De lá saíram diretrizes a serem seguidas pelas universidades latino-americanas no que toca a responder aos problemas da pobreza,

do estancamento econômico etc. E a resposta a ser dada era muito clara: privatização das universidades, cobrança de tarifas, a implantação de um modelo de trabalho em Ciências Sociais que desalenta o pensamento crítico...

Já estamos acostumados, por exemplo, quando queremos publicar algo, à política editorial das revistas. Seja no Brasil, na Argentina, no Chile ou na Colômbia, há uma equipe editorial que decide se seu escrito é científico ou não, ou ainda se este não passa de uma loucura. Dessa maneira se estabelece um elemento de censura ideológica muito forte, onde só pode ser publicado aquilo que é aceitável pelo saber dominante. Como o saber dominante é quem tem o dinheiro, quem permite a concessão de bolsas e subsídios para pesquisa, os acadêmicos se vêem obrigados a, de alguma maneira, trabalhar sob os marcos teóricos provenientes dos Estados Unidos. Dentro das prioridades definidas lá, não das prioridades que surgem das lutas de nosso povo. E isso leva às Ciências Sociais o caráter neocolonial. Por isso, uma das nossas tarefas mais importantes é a descolonização das Ciências Sociais, algo urgente, imprescindível, que não vem sendo encarado com a seriedade que merece. Me parece que é preciso dar uma grande batalha nesse sentido. A universidade é fundamental.

Desgraçadamente, não temos a universidade sonhada por Darcy Ribeiro nos anos 1960. Darcy, que foi um grande intelectual, defendia a universidade brasileira como a grande consciência crítica da sociedade. Com o passar do tempo, as universidades se converteram em meras reprodutoras da ideologia dominante, desgraçadamente. Sabemos que, em cada universidade brasileira, existem pequenos grupos que procuram fazer algo diferente, distanciar-se do modelo hegemônico, trabalhar com outros modelos teóricos buscando fontes de pensamento crítico no marxismo, em diferentes ramos do ecologismo e do feminismo radical, tentam elaborar hipóteses, esquemas e interpretações da realidade brasileira a partir de novos caminhos. No entanto, são setores minoritários, por isso a necessidade de criar uma grande batalha de ideias na universidade, lugar onde o neoliberalismo avançou de maneira extraordinária. Penso que se trata de uma grande tarefa pendente em nosso tempo.

8. Como tem refletido sobre o potencial dos movimentos contra-hegemônicos, frente à hegemonia liberal defendida por Llosa, em uma conjuntura em que a pandemia do COVID-19 desafia a capacidade dos Estados em socorrer as vítimas?

Acredito que a pandemia nos dará uma enorme oportunidade de reorientar o rumo pelo qual nossas sociedades transitam. Se há algo que morreu com esta pandemia, este é o neoliberalismo. Os autores que eram os grandes expoentes do pensamento da direita nos Estados Unidos e na Europa dizem isso. Por que falo da morte do neoliberalismo? Porque todos os grandes intelectuais orgânicos da direita, dentro do imperialismo, defendem que, para sair da crise, se faz necessário um processo de recriação do capitalismo. Eles falam em *great reset*. Eles dizem - a interpretação é esta: “o capitalismo sofreu uma paralisia como as que ocorrem com telefones celulares que, de repente, ficam congelados”; por isso seria preciso comandar o “reiniciar”. Dar um reinício, para que o capitalismo volte a colocar-se em movimento, o que só seria possível mediante uma intervenção estatal muito forte. Eles já falam de um deslocamento do centro de gravidade, dos mercados até o Estado. Ou seja, a saída da crise passa por termos um capitalismo muito mais estatista, com mercados muito mais regulados.

É nisso que temos um grande desafio: a construção de uma saída que favoreça as grandes massas da população, no Brasil e na América Latina. Nós temos de aproveitar esta ocasião para dizer: “muito bem, queremos um Estado forte, mas democrático”. Um Estado com um verdadeiro protagonismo popular, que não seja apenas o protagonismo de ir votar nas eleições e depois ir para casa. Um protagonismo popular permanente, que tem demanda um Estado com uma concepção distinta de democracia. Uma democracia protagônica, que, logo de início, deverá impulsionar coisas fundamentais, tais como uma nova legislação tributária em países como Brasil, Argentina ou Chile. Para que sejam extraídos os recursos necessários à retomada do funcionamento da economia junto a setores multimilionários, presentes em nossos países, que praticamente não pagam impostos. E que não irão pagar, a menos que ganhemos as ruas. Durante séculos, nunca foram objeto de tributação, o momento de fazer isso é agora, em meio à pandemia.

Precisamos avançar nessa direção, impulsionar uma série de políticas que passem a desarmar o capitalismo. Como? Desmercantilizando tudo o que o capitalismo vem mercantilizando nos últimos tempos: a natureza; a seguridade social; a saúde pública; a água; a biodiversidade, que têm sido apropriada como empresa capitalista atualmente etc. Precisamos avançar nisso sem deixar de lado o aprofundamento da democracia. Sair da crise pela esquerda, o que seria enveredar por uma espécie de

protossocialismo, um conceito que estou elaborando, que não é propriamente uma imediata transição ao socialismo, para a qual não temos as condições nem objetivas, nem subjetivas. Mas poderíamos preparar estas condições, recuperando os recursos básicos para o povo, para nossos países, para nossas nações. O petróleo que está aí, no pré-sal, tem que ser um petróleo do Brasil, não dessas empresas para as quais o cederam agora. A Embraer é uma grande empresa, construída pelo povo brasileiro, não pode ser que vá para a Boeing agora. Isso sim é um roubo, feito por Temer e por Bolsonaro.

É preciso, então, avançar neste processo de recuperação das riquezas básicas, combinado ao aprofundamento da via democrática. Sem falar da nacionalização do sistema bancário; os bancos têm lucrado de uma maneira fenomenal, como nunca antes na história, e não derramaram um centavo para baixo, isso não pode mais ser tolerado. Eu creio que isso não é o socialismo, mas um protossocialismo, a criação das condições básicas, para depois progredir resolutamente, assim que forem resolvidas as tarefas preliminares, que são as fundamentais para agora. Acredito que um componente fundamental disso será a mobilização popular. Hoje, no Brasil, há uma desmobilização popular, que vinha de antes da pandemia, e que agora se agudizou.

Eu espero, ferventemente, por tudo o que amo e admiro no Brasil que, uma vez acabada a pandemia, esse povo saia às ruas para lutar por si mesmo. Não pode seguir tendo um governo como o de Bolsonaro, extravagante, absurdo, que está produzindo um genocídio. Mais de 70 mil mortos⁹ no Brasil, contra menos de 2 mil na Argentina, e isso que começamos no mesmo patamar, a meados de março. Vejam a diferença que tem feito um péssimo governo. Se as pessoas no Brasil não saírem às ruas, isso vai seguir indefinidamente. O povo não tem a embaixada dos EUA jogando a seu favor, não temos nada, temos o número e nossa capacidade de organização e pressão nas ruas. Esta será a grande luta, assim que termine a pandemia, e eu acredito que acontecerá.

⁹ A entrevista foi realizada em Julho de 2020, quando a Pandemia da COVID-19 ainda estava no começo. Até o fechamento e o envio dessa entrevista à publicação o número de mortes, só no Brasil, acabava de superar o de 575 mil; na Argentina, 111 mil vítimas fatais. Os brasileiros parecem estar progressivamente menos tímidos no que diz respeito às ruas.

Recebido: 24 Ago 2021
Aceito: 01 Set 2021